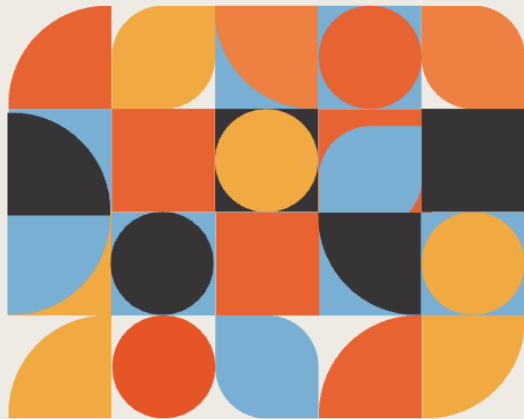




O VESTIR MELANCÓLICO

Revisão da estética romântica como expressão do sintoma melancólico

Chahestian; Júlia Tavares; Graduanda; Universidade Federal de Minas Gerais; juliachahestian@gmail.com¹

Adverse; Angélica Oliveira; Doutora; Universidade Federal de Minas Gerais; adverseangelica@gmail.com²

Resumo: O presente artigo propõe uma análise do Romantismo como resposta estética e resistência anticapitalista. Propomos um estudo sobre a melancolia e a moda, a fim de investigar o mal-estar do mundo moderno. Para tanto, retomamos a perspectiva de Maria Rita de Kehl pela ótica de sintoma social e a expressão de um luto coletivo sublimado. Objetivamos pensar como o fenômeno da moda se torna a expressão do inconsciente coletivo no século XIX, examinando a estetização da melancolia romântica como categorias diagnósticas da psicopatologia.

Palavras chave: Romantismo; Psicanálise; Melancolia.

Abstract: This article proposes an analysis of Romanticism as an aesthetic response and anti-capitalist resistance. We propose a study of melancholy and fashion to investigate the malaise of the modern world. To this end, we take up the perspective of Maria Rita de Kehl from the perspective of a social symptom and the expression of a sublimated collective mourning. We aim to think about how the phenomenon of fashion becomes an expression of the collective unconscious in the 19th century, examining the aestheticisation of romantic melancholy as diagnostic categories of psychopathology.

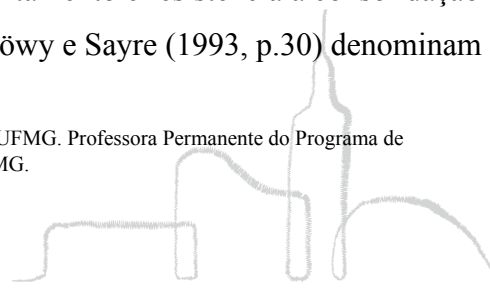
Keywords: Romanticism; Psychoanalysis; Melancholy;

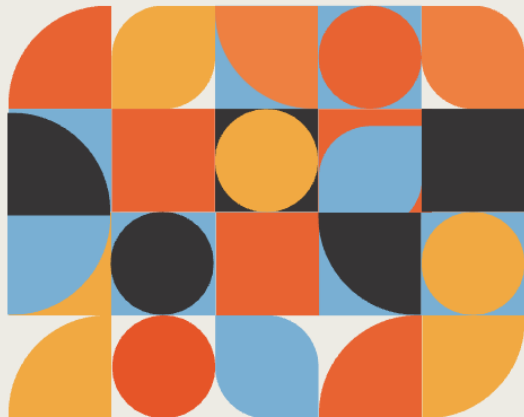
Introdução

Há na destruição que segue a luta pela revolução, como resquício da pólvora dos mosquetes e dos canhões, uma nuvem cinzenta de fumaça que recobre as ruas e por vezes dificulta a visão. Mas inspirados pelos ideais revolucionários, camponeses, sans-culottes, grupos da burguesia, tinham na vitória sob o absolutismo, a certeza de que conforme a fumaça se dispersasse, a fraternidade os receberia de braços abertos. O que ocorre, no entanto, é a irrupção de novas ameaças do capitalismo moderno e, inevitavelmente, o fracasso revolucionário. O desenrolar do Romantismo no século XIX sintetiza o rompimento com uma política utópica idealizada na Revolução Francesa expressando, simultaneamente, desencantamento e resistência à consolidação de uma cultura burguesa. Trata-se de uma visão trágica do mundo, o que Löwy e Sayre (1993, p.30) denominam

¹ Graduanda em Psicologia na UFMG

² Doutora e Mestre em Artes Visuais pela EBA | UFMG. Estágio de Pós-Doutorado em História pela FAFICH | UFMG. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes | UFMG. Professora Adjunta do curso Design de Moda | UFMG.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

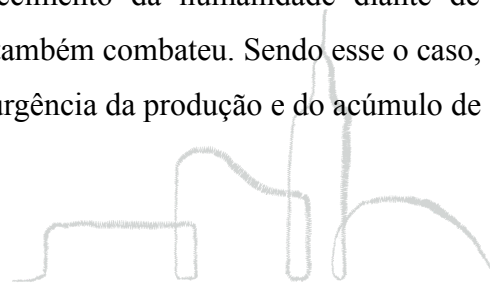
FAAP - SÃO PAULO

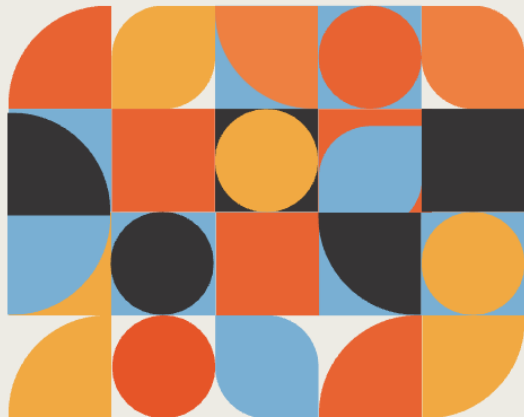
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de “Romantismo Desencantado – uma atitude reformista que, por intermédio de inúmeras obras artísticas denunciam as contradições insuperáveis entre os valores do absoluto estético e a realidade social. Assim, muitas obras românticas abrem caminhos para uma análise crítica das experiências de decadência da civilização, dos ideais utópicos da revolução e da perspectiva progressista.

Romantizar significa conceber a transformação da consciência como uma irrupção crítica no interior da modernidade, e essa experiência cara ao artista é capaz de reconfigurar tanto os modos de criação quanto os regimes de recepção da obra. Benjamin (2009, p.65) observa que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele foi; significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Trata-se, portanto, de uma operação estética e política que interrompe a narrativa linear do progresso, instaurando constelações entre tempos distintos. Esta dimensão constelar foi uma estratégia romântica que iniciou a estética do fragmento, a partir da qual se representava o passado em sua verdadeira face. Já o “momento do perigo” para o sujeito histórico, segundo Löwy (2005, p.65) seria aquele a partir do qual seria possível encontrar a verdadeira imagem do passado. Löwy e Sayre (1993) entendem o romantismo como uma crítica à modernidade capitalista, em nome de valores culturais e sociais considerados ameaçados ou destruídos por ela. Nessa perspectiva, o gesto de romantizar não implica fuga nostálgica, mas uma insurreição da sensibilidade artística que projeta outras possibilidades a partir das ruínas do presente. O espírito romântico ressoa como via única de superação da dolorosa realidade e uma recusa ao presente. Teme-se as consequências desse novo reinado da indústria e do capital, suas promessas de automatização e uniformização da vida que na corrida contra o tempo esgotariam as individualidades e suprimem a força da revolta. (Galvão, 2013, p. 70)

Ser romântico, portanto, aparece como um modo de revolta que radicalmente se diferencia do espírito anterior dos revolucionários ao ser envolvido por uma melancolia que nada tem de patológica e que, de acordo com a psicanalista Kehl (2013, p.24), é um sofrimento que está completamente adequado aos valores oitocentistas. Não à toa, somos levados a repensar se a patologização compulsória do humor melancólico na realidade contemporânea não estaria ignorando o que seria um adoecimento da humanidade diante de exigências modernas que coincidem com aquelas que o jovem romântico também combateu. Sendo esse o caso, a conduta psiquiátrica atual estaria em conformidade e subserviência da urgência da produção e do acúmulo de





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

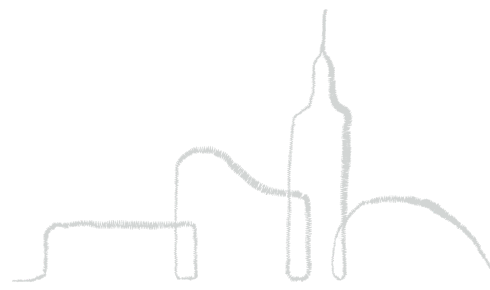
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

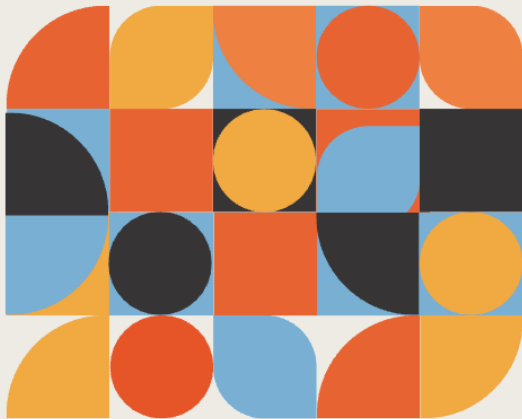
capital, ao transformar uma sintomática coletiva em algo restrito à condição particular do sujeito. A revisão dessa estética do século XIX e do que ela revela do psíquico poderia, por tanto, guiar um questionamento que reverbera nos campos da sociologia e da psicopatologia atual contemporânea.

O espírito romântico entre a crise e a melancolia

Kristeva (1989, p.11) nos lembra que a melancolia seria a inscrição do afeto em uma angústia indizível, o melancólico seria o estrangeiro em sua língua materna: “tento falar de um abismo de tristeza, dor incomunicável que às vezes nos absorve, em geral de forma duradoura, até nos faz perder o gosto por qualquer palavra, qualquer ato, o próprio gosto pela vida (...) Donde vem esse sol negro?” A estetização da melancolia foi um modo de nomear o sofrimento na estética romântica do século XIX, a beleza da tristeza associou a experiência da finitude ao luto. O sofrimento ideal transfigurou a dinâmica da sublimação em idealização, eclipsando o artifício e a experiência da dor. Além disso, a experiência da perda adentrou o espaço do artifício reconfigurando os processos de subjetivação e a máscara das identidades possíveis. O poema “O Desafortunado” de Gérard de Nerval (1808-1855) nos apresenta, segundo Kristeva (1989), a oscilação da atividade simbólica a partir do qual o artista se torna a coisa sublimada do espaço da arte: “sou o tenebroso, o viúvo, o inconsolado (...) Morta minha única estrela, meu alaúde constelado (...) Porta o sol negro da melancolia” (Nerval, 1853, s/ paginação apud Kristeva 1989, p.132). Tomar a palavra é, para Kristeva, inserir o sujeito no terreno do artifício, a crise designa a separação que evoca o tumulto do outro em si mesmo. O presente vivenciado pelo poeta romântico não apresenta esperança ou consolação. Retomamos este poema para pensarmos como o Romantismo expressava este sentimento de infortúnio: Para além do sentimento da perda, há um desencantamento contínuo com o mundo. O sol negro da melancolia seria a força ofuscante do sentimento de luto.

Alegoria da melancolia: a moda no estranho espaço da dor





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

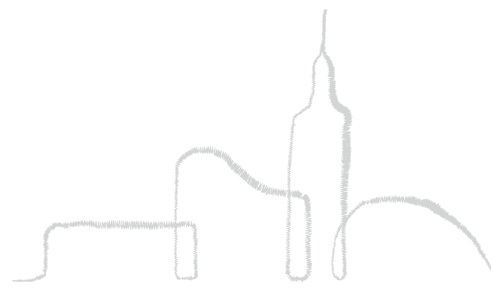
FAAP - SÃO PAULO

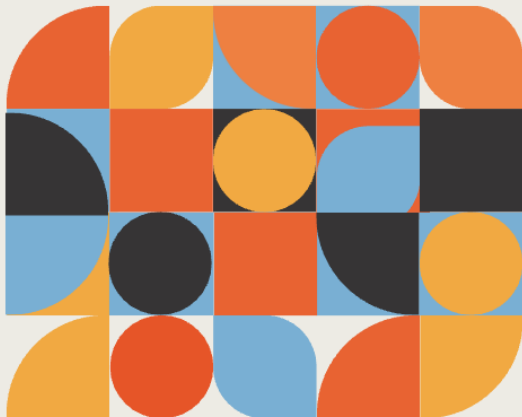
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Partindo da Antiguidade Clássica, a moda romântica na fase do Diretório retoma o idílico na fluidez dos tecidos. O temor sufocante e opressivo das condições capitalistas ressoa sob o jovem romântico quando este, mesmo beneficiado pelos privilégios econômicos que recaem sobre a burguesia, encontra-se enlutado por sua incapacidade de refrear a passagem do tempo e conter consigo sua inocência e a sua ilusória inteireza constitucional. Inundado pela melancolia, como forma de sobrevivência assume-se de bom grado o desbotamento e o tom sombrio. Na moda, a cintura alta do estilo imperial, trata-se de uma escolha que está além da estética, dialogando no simbólico ao libertar a silhueta e figurar um desejo por outros modos de libertação.. Esse sujeito, na condição de constatação de sua angústia, faz dela bela nas performances e nos tecidos. Dominados pela desilusão com o mundo moderno, a postura cabisbaixa extenua uma consciência interior atormentada pela inserção conflituosa no laço social. Há nesse sofrimento o desejo de fuga e reencontro de um passado encantador, que se desenrola sintomaticamente na incessante evocação de uma época anterior ao sistema econômico moderno. Fala-se de “uma espécie de reapropriação coletiva de uma história recalcada — ou bem a recusa de um mundo prosaico ou até de uma fuga deliberada para um universo imaginário, estético e lendário” (BOLLON, 1993, p. 58).

Para Kristeva (1989, p.97), a dinâmica da sublimação mobiliza os processos primários e a idealização em torno do vazio, ele seria responsável por criar uma pulsão para a representação em direção ao hipersigno. É a partir disso que a alegoria se situa no lugar do objeto ausente como um tipo de magnificência do que não existe mais, mas que, no entanto, retoma a sua significação para o sujeito. Assim, a beleza se torna consubstancial e o artifício substitui o efêmero. O objeto simbólico seria, então, uma forma de eclipsar a dor ou a morte: “como as indumentárias femininas, que escondem depressões tenazes, a beleza se manifesta como rosto admirável da perda, ela a metamorfoseia para fazê-la viver”. A moda e o belo se tornam a forma magnífica da dor, realizando-se no espaço depressivo como uma economia específica do discurso imaginário. A beleza do artifício seria o traço de união da coisa e do sentido.

Figura 1. La Mélancolie



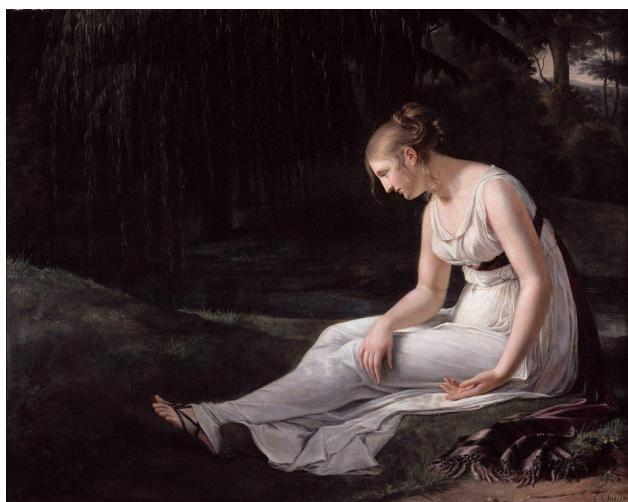


20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

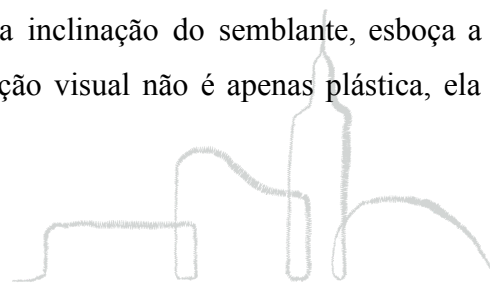
FAAP - SÃO PAULO

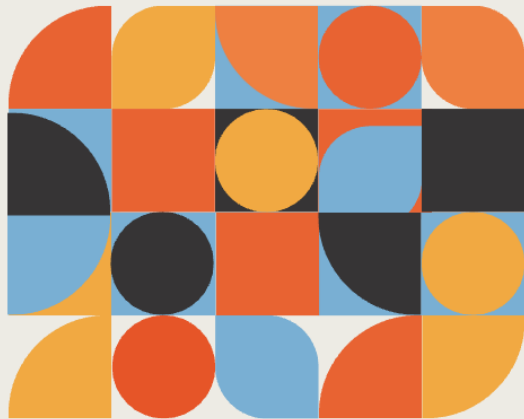
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025



Fonte: <https://arthistory.co/melancholy-constance-marie-charpentier/>
Constance Marie Charpentier, óleo sobre tela, 130x165cm, Musée de Picardie, Amiens

E nessa busca incessante por uma realidade fantasiosa são lançadas estratégias de reencantamento que revivem o período neoclássico e dialogam com o mundo medieval. Na imersão de cada movimento de estilo do período, nostalgicamente são apropriados os mitos e alegorias, descrevendo nas musselinas o universo onírico que cada sujeito teria dentro de si. A partir da obra *Melancholia* (1801), realizada pela pintora francesa Constance Marie Charpentier (1767-1849), propomos uma analogia da figura feminina representada com a alegoria republicana da liberdade. A efígie da República, frequentemente representada como mulher altiva, portadora da tocha ou da bandeira que guia os povos em direção à emancipação, encontra-se, nesta iconografia, subvertida em seu estado simbólico mais profundo: Marianne se apresenta pela expressão de desencantamento. O movimento dos gestos que outrora representava a luta pela liberdade, figura o esvaziamento de sua potência. Tal representação desloca-se do campo da heroicidade para o da exaustão, deslocando a Liberdade do imaginário revolucionário para o espaço da suspensão e da dúvida. O rosto da personagem, tocado por uma tristeza serena e contida, revela um pathos que confere à imagem uma intensidade psicológica, sugerindo a presença silenciosa da dor. A composição da figura, especialmente sua postura curvada e a inclinação do semblante, esboça a iconografia clássica da *Melancholia I* (1514), de Albrecht Dürer. A citação visual não é apenas plástica, ela





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

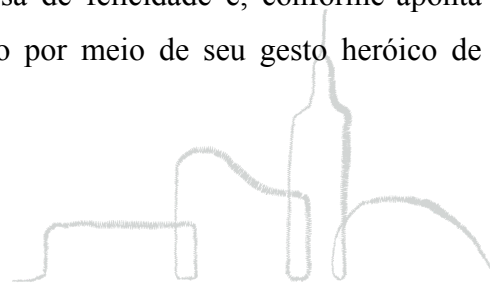
FAAP - SÃO PAULO

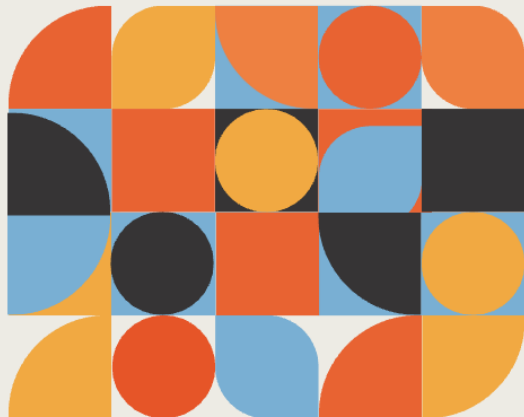
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

posiciona a obra de Charpentier (1801) no campo das alegorias do espírito. Assim, o corpo feminino expressa a crise dos afetos políticos no período pós-revolucionário francês.

A dor como beleza: o sintoma estético do Outro depressivo

As articulações de Maria Rita Kehl (2009) em “O tempo e o cão” visibilizam a análise dessa angústia compartilhada quando, na efervescência de uma nova organização social, antecipa o sistema regulador atual e constituiria um Outro simbólico que muito teria de semelhante ao discurso organizador do laço social contemporâneo. O luto romântico, às vistas de uma estética elegante, performa a revivescência da perda do objeto fundante do psiquismo diante de uma nova perda: a quebra da promessa de uma realidade construída pelos valores da Revolução Francesa. Assim, inquirimos: a desilusão, a desesperança e a melancolia seriam sintomas sociais do desamparo do sujeito ao tentar ser incluído no espaço urbano e no imaginário moderno? Quais seriam, então, os espaços para a figuração da sensibilidade depressiva fora do imaginário artístico? Sendo a realidade uma construção coletiva como reabsorver o sentimento de luto? Dessa manifestação sintomática, pensa-se que nesse momento, diante da perda do objeto de afeto, concebido como a causa do desejo e que falta ao sujeito, seria um luto negado pelas necessidades da vida moderna. Anteriormente, a atitude romântica, ainda que permeada por contradições e inseparavelmente movida pela fé moderna de progresso, seria consciente do mal-estar dessa relação com o tempo. (COMPAGNON, 2010, p. 22) Dessa forma, cabelos estilizados como que bagunçados pelo vento, as cores sóbrias dos tecidos e sua modelagem sob o corpo feminino, as transparências e a ameaça de revelação, são expressão simbólica e uma sintomática apreendida pelos artistas românticos, como formas de escoar as angústias pós-Revolução Francesa. O inconsciente coletivo conduz na moda o protagonismo da fantasmagoria e dessas novas figuras inquisidoras que regem o mundo moderno, enquanto o Outro exigente age coercitivamente isolando os sujeitos que antes lutavam juntos na Revolução. O belo, neste contexto, pode ser compreendido como expressão simbólica da promessa de felicidade e, conforme aponta Baudelaire (1996), apenas a moda seria capaz de transfigurar a paixão por meio de seu gesto heróico de



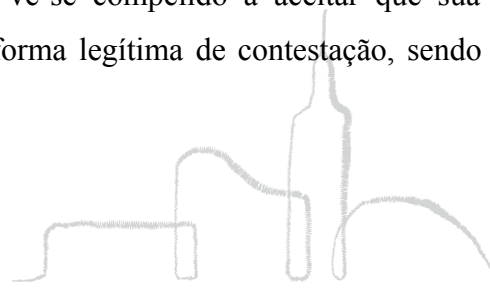


resistência à transitoriedade da existência, conferindo-lhe uma forma de eternidade ao instaurar, no presente, um movimento incessante de reinvenção e transformação.

Considerações finais

Ser romântico significa ser moderno, mas também exercer uma autocrítica quanto a carência de certos valores humanos no presente e ressoa, como apontado por Maria Rita (2009), como uma tentativa de cura em conformidade com a perda. Nomear o sofrimento, segundo Kristeva (1989) seria sem dúvida deslocá-lo para o imaginário estético como um tipo de estratégia de reabsorver o luto. Assim, alicerçaria no Romantismo uma fruição da dor para a partir dela, assegurar ao artista a sublimação da Coisa perdida. Inicialmente, pela linguagem e aliterações plásticas semióticas, a ideia de que a tristeza e o luto poderiam ser estetizados seria uma forma de pensar a respeito da alegoria como magnificência do vazio e como resistência ou superação de resistência à morte. A estetização da dor na imagem romântica é uma estratégia artística para exprimir a libido que liga o luto ao belo e a depressão à experiência estética. Sendo que, nesse ponto, reside a potencialidade da moda como fenômeno que desvela e dialoga com o inconsciente coletivo. Como nos ensina Kristeva (1989), é pelo belo como signo da dor que há a sua própria transcendência.

A adesão ao sublime pode ser compreendida como um mecanismo de deslocamento do sofrimento para o domínio do imaginário, permitindo que, por meio da estética romântica, o corpo esvaziado de significação reencontre um campo possível de sentido. Nesse processo, o sujeito moderno reafirma seu anseio por transformação, articulando o desencantamento político à possibilidade de um jogo simbólico com os afetos da desolação e do luto. Se, por um lado, a melancolia romântica expressava o receio diante da consolidação dos valores capitalistas, que viriam a estruturar a ordem social moderna, pode-se supor, por analogia, que o mal-estar contemporâneo habita um sujeito já despojado da designação de romântico ou revolucionário. Esse sujeito, agora situado num contexto histórico de saturação simbólica, vê-se compelido a aceitar que sua experiência de inadequação à realidade partilhada já não opera como forma legítima de contestação, sendo frequentemente desqualificada como simples incapacidade de adaptação.





Referências

BAUDELAIRE, Charles. O belo, a moda e a felicidade. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 7-11, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais; São Paulo: Editora da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BOLLON, Patrice. **A moral da máscara**: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Tradução de: La morale du masque.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

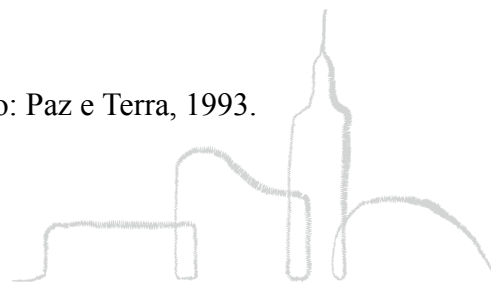
GALVÃO, Walnice Nogueira. **Romantismo das trevas**. Teresa: Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 12/13, p. 65–78, 2013.

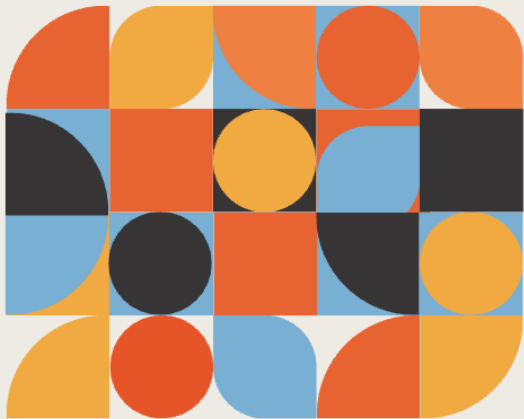
KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Sol Negro: Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”. São Paulo: Boitempo, 2005.

LÖWY, Michael ; SAYRE, Robert. **Romantismo e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

